

NARRATIVA DOCENTE: UM RELATO SOBRE AS TECNOLOGIAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE

Hugo Machado Falcão

Pós-Graduando em Educação/PPGE/ICHS/UFOP

Jacks Richard de Paulo

Professor do Programa de Pós-Graduação/PPGE/ICHS/UFOP

RESUMO: Nas últimas décadas vivemos um período de grandes mudanças em nossa sociedade. Com os avanços tecnológicos desta era da informação os professores precisam se adequar para utilizar as novas tecnologias em suas práticas pedagógicas. Numa época em que a arte de narrar está em declínio este artigo pretende utilizar a narrativa para abordar a influência e o uso das tecnologias como ferramentas que modificaram a vida profissional e principalmente as práticas pedagógicas de um professor.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas; Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação; Práticas Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

O mundo vem sendo transformado pela tecnologia que tornou a nossa sociedade em uma sociedade conectada e informatizada. Para Castells (2003, p. 7) “a Internet é o tecido de nossas vidas” e “passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da

Era da Informação”. E nesta Era da Informação é difícil imaginar o dia a dia sem o uso da tecnologia.

No contexto educacional, segundo Nóvoa (2009, p. 13) no começo do século XXI os professores ressurgiram “como elementos insubstituíveis não só na promoção das aprendizagens, mas no desenvolvimento de métodos apropriados de utilização das novas tecnologias”. Em meio a esta realidade emergente o professor tem um papel fundamental, mas também um desafio no processo de construção de conhecimento se apropriando do uso das novas tecnologias em um momento em que as salas de aula estão repletas de alunos nativos digitais.

Na perspectiva de Benjamin (1994, p. 197) “a arte de narrar está em vias de extinção”. Para o autor seu declínio teve início com o estabelecimento da sociedade burguesa que evidenciou a informação como uma nova forma de comunicação. Teixeira e Pádua (2006, p. 1) acrescentam que este declínio da arte de narrar é um processo progressivo, pois “nos vemos cada vez mais privados da faculdade de trocar experiências, que constituem a fonte, por excelência, das narrativas”.

“O ritmo acelerado da vida moderna, por sua vez, fez desaparecer a capacidade do

ouvinte assimilar a experiência narrada à sua própria experiência para poder recontá-la, imprimindo sua marca nas histórias” (TEIXEIRA; PÁDUA, 2006, p. 2).

Para Benjamim (1994, p. 198) “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores”. Já Larrosa (2011, p. 5) entende que “a experiência é ‘isso que me passa’”. Larrosa esclarece que:

Se a experiência é “isso que me passa”, o sujeito da experiência é como um território de passagem, como uma superfície de sensibilidade em que algo passa e que “isso que me passa”, ao passar por mim ou em mim, deixa um vestígio, uma marca, um rastro, uma ferida. Daí que o sujeito da experiência não seja, em princípio, um sujeito ativo, um agente de sua própria experiência, mas um sujeito paciente, passional. Ou, dito de outra maneira, a experiência não se faz, mas se padece (LARROSA, 2011, p. 8).

Neste cenário de um mundo tecnológico globalizado onde as experiências advindas da arte de narrar são cada vez mais raras, o objetivo deste artigo é dar vez e voz através da entrevista narrativa a um professor, na figura deste professor moderno que teve que adequar a sua vida e práticas pedagógicas nesta Era da Informação. O sujeito desta narrativa é um professor de uma instituição pública superior de ensino do interior do estado de Minas Gerais. Neste artigo ele apresentará como foi o seu contato inicial com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) ao longo da sua vida relatando a influência e o impacto do uso destas tecnologias como ferramentas que modificaram ou não sua vida profissional e principalmente às suas práticas pedagógicas.

METODOLOGIA

Este tipo de pesquisa demandou uma abordagem qualitativa. De acordo com Bogdan e Biklen (1994, p. 16) na abordagem qualitativa “as questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outrossim, formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural”.

Já para Menga e André (1986, p. 12) nos estudos qualitativos:

[...] há sempre uma tentativa de capturar as perspectivas dos participantes, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas. Ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, os estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessíveis ao observador externo.

Para atingir o objetivo desta pesquisa foi realizado uma entrevista narrativa. Segundo Muylaert *et al.* (2014, p. 198) “as narrativas permitem ir além da transmissão de informações e conteúdo, fazendo com que a experiência seja revelada, o que envolve aspectos fundamentais para a compreensão tanto do sujeito entrevistado individualmente, como do contexto em que está inserido”. Ainda segundo os autores:

o método das narrativas revela-se um importante instrumento para se realizar investigações qualitativas, dispondo para os pesquisadores dados capazes de produzir conhecimento científico comprometido com a apreensão fidedigna dos relatos e a originalidade dos dados apresentados, uma vez que permitem no aprofundamento das investigações, combinar histórias de vida a contextos sócio-históricos, tornando possível a compreensão dos sentidos que produzem mudanças nas crenças e valores que motivam (ou justificam) as ações dos informantes. (MUYLAERT *et al*, 2014, p. 198)

Para Taylor e Bogdan (1986, p. 20) a expressão *metodologia qualitativa* no sentido mais amplo refere-se “à investigação que produz dados descritivos: as próprias palavras das pessoas, faladas ou escritas e a conduta observável”.

EDUCAÇÃO BÁSICA – CONTATO LIMITADO COM A TECNOLOGIA ANALÓGICA

Segundo Almeida (2008) na década de 70 teve início “a história da informática na educação pública brasileira”. No entanto esta história levou um tempo maior para chegar em todos os níveis escolares e em todas as cidades brasileiras.

Quando eu iniciei os meus estudos na educação básica no final da década de 70 o ensino era tradicional e nós não tínhamos conhecimento sobre computador. As escolas não tinham computadores nem nas secretarias, quem dirá laboratórios de informática. (P)¹

Os recursos didáticos da época eram muito limitados, principalmente nas escolas públicas. E aqueles alunos que não tinham condições precisavam se adequar à realidade para acompanhar a turma.

Os professores utilizavam mimeógrafos, pois não havia livros didáticos naquela época. Eu me lembro que recebia desenhos mimeografados que as vezes vinham manchados. Não ficavam muito bonitos. Eu tentava colorir com alguns lápis de cor que recebíamos da professora, eram apenas toquinhos de lápis. Naquela época eu não tinha um caderno bom para usar e o material não tinha qualidade. Quando eu terminei o ensino médio eu percebi que estava começando a chegar os livros didáticos na escola, mas os livros didáticos não eram gratuitos nem nas escolas públicas como a minha. As famílias tinham que comprar e em famílias numerosas como no meu caso (somos oito irmãos) não tínhamos condições de adquirir estes livros. Eu sempre pedi emprestado para aqueles alunos que tinham ou sentava junto com algum colega que deixava durante as aulas. (P)

E o acesso a tecnologia ainda que analógica se limitava às famílias com condições financeiras melhores.

Nesta época alguns colegas começaram a falar que tinham máquina de escrever em casa e não eram aquelas eletrônicas, eram manuais e isso para mim era uma novidade. Eu marcava de fazer trabalho na casa deles apenas para eu ir ver a máquina de escrever, não era nem para usar, era só para ver como funcionava. (P)

1 O professor, sujeito desta pesquisa, será identificado com a letra “P”.

A FORMAÇÃO QUE MUDOU TUDO

Na escolha do curso superior muitos são os fatores que podem influenciar como os familiares, o gosto por determinadas disciplinas, a afinidade por determinadas atividades, ou as vezes, nem se tem muita opção e acaba-se escolhendo a oportunidade que melhor se apresenta.

Eu escolhi o curso de Geografia, porque sempre tive interesse por imagens, gravuras, textos também, mas o que sempre me chamava atenção era como essas imagens podiam expressar as coisas, seja no campo físico, no campo humano ou no campo político e eu sempre tive interesse por perceber que as minhas leituras através das imagens eram melhores. (P)

O ensino superior oferece um contexto educacional maior, com possibilidades de recursos didáticos melhores que podem influenciar a vida e o futuro acadêmico dos alunos.

Quando eu comecei o curso fiquei deslumbrado com um contexto educacional muito grande. Eu fui conhecer livros didáticos, tive acesso a artigos impressos e a universidade já tinha alguns computadores para efetuar consultas na biblioteca. (P)

O contato com a tecnologia pode exercer uma grande influência e direcionar toda uma vida profissional.

No curso de geografia, a disciplina de geoprocessamento mudou tudo para mim, porque foi neste momento que eu tive contato com o computador. Eu gostei tanto que comecei a estudar o funcionamento e a aplicabilidade dos programas. Pesquisava, assistia palestras, sempre me envolvia nos eventos (P).

Oportunidade de conhecer novos softwares e técnicas através da mediação pedagógica com alunos mais experientes conforme a concepção Vigotskiana. Nesta perspectiva para Vigotski (2008) existe uma área potencial de desenvolvimento cognitivo conhecida como “Zona de Desenvolvimento Proximal” (ZDP) que é:

[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VIGOTSKI, 2008, p. 97)

Eu comecei inicialmente utilizando o programa autocad², os engenheiros usam muito para fazer plantas de casas, desenhos, etc. O autocadMap foi o primeiro a fazer cruzamentos de dados que utilizei. Nós acompanhávamos os primeiros trabalhos dos alunos que eram bolsistas onde eles faziam pranchas. Eles colocavam uma planta, o mapa base, escaniavam e depois pegavam aquela imagem em formato TIF ou JPEG, levavam para o computador e lá eles começavam a digitalizar. Que é o que nós chamamos de vetorizar. Depois que eles vetorizavam o arquivo estava pronto em formato digital. Aí eles iam criando vários deles, um de vegetação, outro

2 AutoCAD é um software do tipo CAD (computer aided design) ou desenho auxiliado por computador criado e comercializado pela Autodesk, Inc. desde 1982. É utilizado principalmente para a elaboração de peças de desenho técnico em duas dimensões e para criação de modelos tridimensionais.

da mancha urbana, outro de processos erosivos. E cada observação, ou mediação que eles faziam para mim era um momento de contribuição. (P)

Segundo Josso (2002, p. 28) “Os processos de formação dão-se a conhecer pelo ponto de vista do aprendente, em interações com outras subjetividades”.

OPORTUNIDADE DE CONHECER NOVOS SOFTWARES

Na carreira docente é fundamental a busca contínua pelo aprendizado. Parar de estudar não pode ser uma opção e seguir na linha e direcionamento previamente aprendidos é o caminho para o aperfeiçoamento e atualização contínua.

Procurei por programas de pós-graduação e encontrei um na área de geologia. Escrevi um projeto para seleção e fui aprovado, mas também utilizei das técnicas de geoprocessamento, as quais já estava familiarizado e com grandes expectativas em ampliar suas possibilidades de aplicação (P)

O aprendizado e contato com diferentes softwares e recursos oferece novas possibilidades de obtenção e tratamento dos dados de uma pesquisa.

Nesse momento eu comecei a trabalhar com programas mais desenvolvidos tecnologicamente. Produzi vários mapas que mostraram tanto a mudança da cobertura vegetal quanto a mudança da ocupação antrópica. Realizei trabalhos que naquele momento ainda eram mecânicos e que hoje já estão automatizados, como por exemplo, eu interpretava fotografias aéreas e imagens de satélite e depois utilizava os programas para poder efetuar cruzamento de dados. (P)

CONTINUIDADE DA FORMAÇÃO – REFLEXÕES E PRÁTICAS COM O AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM MOODLE

Após levar em conta todas as considerações que eu venho construindo ao longo da minha experiência profissional, da minha prática com as TDICs decidi que o meu doutorado seria sobre o uso das tecnologias na educação (P)

“As narrativas estimulam mudanças na maneira como os sujeitos compreendem a si mesmo, aos outros e às situações que viveram” (ARAÚJO, 2015, p. 59).

Eu falo que a minha história na educação cada vez vai se aprimorando mais. Comecei a expor para minha orientadora sobre as tecnologias, sobre os recursos, como que o ambiente virtual de aprendizagem poderia estar contribuindo para melhorar os processos de ensino e de aprendizagem e ela me disse que temos que pensar de diferentes maneiras. A educação antes ela cumpriu seu papel? A educação hoje cumpre o seu papel? Aí ela começava a me instigar, então o diálogo com ela era sempre ela instigando. Eu ia contando para ela os prós e os contras do uso do ambiente virtual de aprendizagem. Aí ela falou comigo: “as mudanças elas ocorreram, ocorrem e vão continuar ocorrendo. Agora é claro que a gente tem que pensar muito, refletir até que ponto essas mudanças são positivas, são significativas, elas contribuem de fato, até mesmo para não sermos atropelados”. E eu comecei a mostrar para ela como que o ambiente virtual de aprendizagem

tinha potenciais e que poderiam ser menosprezados se não soubesse trabalhar da forma adequada. Eu mostrei para ela o fórum virtual, individual e coletivo e as formas de trabalhar, mas tem que ter mediação. Não dá para ficar na mediação só pelos alunos. Se tem a mediação com o tutor já é algo diferenciado, mas com a mediação do professor no fórum então será muito melhor. E com isso ela foi me passando informações sobre leituras de mediação pedagógica, o despertar para as mudanças, a constituição do ser docente, porque ela trabalhava sempre com a perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano. Então essas leituras que ela me direcionava, elas me faziam ter esta visão de um todo, desde o processo de evolução. (P)

METODOLOGIAS DE ENSINO E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

As lembranças de experiências positivas e negativas do passado podem influenciar as ações do presente e o planejamento do futuro.

Fui convidado ainda durante o curso de licenciatura e bacharelado em geografia pela própria diretora para dar aulas em uma escola próxima a minha casa. Fui designado e senti o impacto como todos, ainda mais por ser muito novo. Comecei a lecionar e gostei tanto que não parei mais. Eu me lembrava das dificuldades que passei para estudar, da falta de materiais e de recursos, que queria sempre buscar algo diferente, que despertasse o interesse dos alunos, porque eu não queria repetir sempre as mesmas práticas. Seria mais cômodo, mas eu não queria fazer isto. (P)

Ao longo dos anos as metodologias de ensino e as práticas pedagógicas foram se adequando e sendo construídas de acordo com cada situação e necessidade no contexto escolar.

Eu passei no concurso público e comecei a dar aulas na zona rural. Aí depois disso eu fui também para uma escola Estadual. Após o mestrado eu voltei para sala de aula e tinha muito conhecimento e precisava fazer algo mais, porque não adianta ter o conhecimento das tecnologias se não souber utilizar isto de forma que possa mediar para que o aluno possa produzir o conhecimento de forma significativa, satisfatória e que a aprendizagem ocorra de fato. (P)

Uma experiência diferente é a de ser tutor de educação à distância. Um novo contexto para se apropriar do ambiente virtual de aprendizagem.

Fiquei por dois anos como tutor na modalidade de ensino a distância. A tutoria era diferente na época, porque tínhamos que cadastrar os alunos a partir de uma listagem que recebíamos de matrículas. E com esta listagem nós mesmos tínhamos que inserir dentro da plataforma Moodle os alunos. Nós tínhamos que estruturar todos os dados e as informações e o nosso papel era bem diferente. Hoje o tutor acompanha o professor, passa as orientações, mas antes nós tínhamos que ir aos polos, realizar as atividades com os alunos. Para mim foi um ganho, porque conheci o ambiente virtual de aprendizagem Moodle. (P)

Segundo Araújo (2015, p. 61) “As narrativas não são apenas um relato de realidade vivida, elas são, principalmente, possibilidades de construção e reconstrução de conhecimentos”.

Fiz o concurso público para docente no ensino superior e fui aprovado. Comecei a trabalhar na modalidade de ensino a distância e utilizando a plataforma com ambiente virtual de aprendizagem Moodle. À época senti que estava onde eu queria, porque primeiro iria trabalhar com tecnologia, ambiente virtual de aprendizagem, Moodle, e essa plataforma tem muitas possibilidades. Segundo era uma oportunidade de estudar e aprender mais sobre isto. Então eu pensava em como utilizar essas TDICs (tecnologias digitais de informação e comunicação). Sempre quando inicio o semestre com uma turma ou mesmo de um semestre para o outro, caso já tenha dado aula para a turma e tenha mudado apenas a disciplina, eu faço uma sondagem com eles para ter uma noção do conhecimento prévio deles (P).

Após o doutorado é hora de colocar em prática o conhecimento adquirido e neste processo de mediação pedagógica ora se está na condição de aprendente, ora na condição de mediador.

Eu comecei a desenvolver muitos trabalhos, projetos de extensão e quando eu cheguei nas escolas públicas aqui da cidade os alunos não utilizavam o laboratório de informática. Quando eu cheguei eu disse: “nós vamos ter aulas no laboratório de informática e vamos trabalhar com o ambiente virtual de aprendizagem moodle, porque é um software livre”. E eu falei que iria montar uma plataforma e íamos trabalhar com os professores. Perguntei primeiramente aos professores: “qual é o conteúdo que você está trabalhando?”. Comecei a dialogar com eles no sentido: “Então nós vamos montar uma plataforma e vamos buscar outros textos, vamos fazer um estudo comparativo dos textos, e vamos pegar várias imagens para que eles possam entender isso também”. Nós começamos a colocar isto na plataforma a princípio. Levávamos os alunos para lá e aí eles assistiam uma aula no computador. Aí a professora utilizava o datashow e projetava lá na frente e os alunos iam acompanhando. Aí ela mostrava as imagens para eles e falava: “no livro só tinha aquela imagem, mas olhem o que estes autores estão mostrando com estas imagens? Todas são idênticas?”. E eles falavam: “não, tem diferença”, e ela perguntava: “mas quais?”. E eles diziam: “é que tal autor está direcionando mais para esse aspecto”. Aí começava a ter uma discussão, porque eles já percebiam que as representações podiam mudar. A professora começou falando o seguinte: “então agora nós vamos propor um momento de discussão. Vocês vão discutir no fórum que está aí. Nós vamos deixar aqui um tempo”. Nos colocávamos lá as questões chaves e eles discutiam e no final era projetado lá na frente para a gente poder fazer uma análise sobre as conclusões a que se chegaram. Quando não tínhamos aulas no laboratório com a plataforma eles reclamavam. E a maioria dos alunos da escola pública não tinha computadores em casa. (P)

“A forma como eles vão se apropriando dos fatos e de como superaram as barreiras que se erguiam pelo caminho, são relatadas para além de um registro reducionista, mas mostrou-se como oportunidade de conhecimentos mais profundos e de resignificação da própria escolha” (ARAÚJO, 2015, p. 60-61).

Ela começou a passar atividades. Antes ela dava questões para eles por causa da própria formação com perguntas e respostas, questões fechadas, mas sem muita criatividade. Ela dizia assim: “nós vamos fazer agora uma atividade diferente pela plataforma, e ela vai nos permitir isto. Nós vamos construir respostas agora para o nosso trabalho coletivamente no wiki, porque o wiki permite a cada um alterar e incluir conteúdo”. Ela começava a passar as mesmas questões com mapas, com textos e dizia para os alunos que agora eles iriam construir as respostas coletivamente. Ela projetava na frente e eles iam alterando no computador. Alterava a gente apertava F5 para atualizar e já visualizávamos as respostas modificadas. E

isso quando eles viram as respostas aqueles alunos que tinham mais dificuldades, eles começaram a acompanhar melhor. E aqueles que sempre se destacaram ou que tinham computador em casa eles também ajudavam os outros, nesta mediação. E com isso então eu falei: “eu não posso agora perder este potencial”. (P)

Segundo Josso (2002, p. 28) “Os procedimentos metodológicos sugerem a oportunidade de uma aprendizagem experiencial através da qual a formação se daria a conhecer”.

Nos cursos que ofertei de formação continuada para professores na modalidade a distância, os problemas se referiam ao acesso a plataforma, porque a maioria dos docentes não tinha nenhuma familiaridade e muitos, nem e-mail. Depois que passou esse primeiro momento de acomodação em termos do ambiente virtual aí eu disse aos professores: “nós vamos agora tentar mudar, inserir coisas diferentes na prática de vocês, por exemplo, levar os alunos para trabalhar com o computador na sala de aula” e algumas até tampavam o rosto e diziam: “Será que eu vou dar conta disso? Em casa qualquer coisa que eu preciso, minha filha é que tem que fazer. Eu não faço nada no computador”. Eu as motivava e dizia que eram capazes e que davam conta. Aí nós começamos o curso, as primeiras disciplinas foram de caráter básico, mas o ganho delas no final do curso foi fundamental. A gente viu que isso fez a diferença na prática desses docentes. (P)

Com as mediações, novas práticas surgem com possibilidades de estimular a aprendizagem e motivar os alunos.

Por exemplo, uma professora sempre trabalhava com os alunos na sala de aula com os emborrachados. Ela cortava e montava os quebra cabeças para trabalhar com os alunos nas aulas de geografia. Ela pensou que os emborrachados além de serem caros com o tempo o material vai ficando velho e fica difícil de ficar trocando e de difícil manuseio então, eu vou fazer isso no ambiente virtual de aprendizagem com eles. Ela começou a construir a base de representações no ambiente virtual e esta base de representações, os alunos tinham a possibilidade de recordar virtualmente, eles traçavam as linhas com formato de quebra-cabeça, primeira ela fez com quadrados, depois ela foi utilizando outras formas. Ela pegava essa malha que eles faziam e jogava em cima da imagem porque aquilo recortava na hora que eles faziam a impressão e eles montavam, aí depois ela pegava isso projetava no quadro sobre o EVA, eles vinham e contornavam e recortavam e encaixavam. Ela fez sobre o Brasil, depois sobre as regiões do Brasil, os estados cada um com cor diferente. Ela fazia só a moldura e eles encaixavam as peças e com isso então ela fazia questionamentos também, porque não utilizava só o recurso. Ela utilizava questões do tipo como que vocês percebem aquela questão anterior que falava sobre: quantos estados que compõem a região tal? Quantas regiões temos no Brasil? Ela colocava assim: agora ao invés de memorizar esse tipo de informação, vamos fazer um outro tipo de análise. Vamos focar no seguinte: retirar as peças, quantificar e depois analisar qualitativamente. Eles tiravam as peças e iam montando uma a uma para ter um entendimento. E ia fazendo discussões com os alunos e além do fórum, agora surge um momento diferente que era o fórum digital de imagens. Eles cruzavam só imagens. Aí ela criava o projeto que era para trabalhar os problemas ambientais da comunidade. Aí todo aluno mandava fotos. Nós pegamos os alunos de uma escola estadual da cidade. Lá tem alunos de vários bairros. Cada um começou a mandar suas imagens dos problemas ambientais que eles viam. Com isto a plataforma ficou carregada de imagens. Eles trabalhavam com questões do tipo: Que ações nós vamos tomar para resolver estes problemas em termos de políticas públicas? E uns diziam: “vamos procurar a Prefeitura, vamos fazer um documento”. E em ações dos moradores? E do impacto visual? E nós íamos estimulando-os de diversas formas e com isso quando ela terminava

essa discussão na sua proposta do projeto eles iam trocando essas imagens e entregando os textos depois. (P)

As tecnologias digitais de informação e comunicação como os ambientes virtuais de aprendizagens podem ser utilizadas em práticas educativas na educação à distância e no ensino presencial.

E hoje eu falo das minhas práticas aqui no ensino presencial, nós temos a plataforma Moodle. Eu sou um dos professores que mais a utiliza, eu vejo esse potencial e os alunos gostam, porque eles mesmos já me dão o retorno. Eu coloco textos, vídeos, exercícios, avaliação. Tudo acontecendo ali simultaneamente ao que vai acontecendo no ensino presencial e também eu coloco propostas de teatro para eles construírem no ambiente virtual de aprendizagem (P)

Para Araújo (2015, p. 60) “A análise interpretativa das narrativas nos permite compreender as idas e vindas do processo formativo, identificando conceitos e sentidos que são atribuídos pelos sujeitos neste olhar retrospectivo para sua história de vida”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que as tecnologias podem modificar em diferentes proporções e situações o saber fazer pedagógico docente. Ademais, a convivência em um mundo globalizado, conectado, interativo continuará cada vez mais impulsionando novos caminhos e novas possibilidades de práticas pedagógicas que passam a ser demandadas em ritmo acelerado na contemporaneidade.

Outro aspecto observado se refere ao fato de que a constituição dos saberes e práticas dos docentes estão atrelados a múltiplas experiências que vão se constituindo ao longo de toda a sua vida, ou seja, de sua história de formação.

Percebeu-se também que o professor tem buscado novas alternativas constantemente, em prol de atender as novas demandas impulsionadas pelas tecnologias que se adentram cada vez mais nas escolas.

Por fim, destacamos que o momento atual da história de evolução da humanidade demanda um novo olhar para as instituições de ensino e também em relação ao trabalho do professor.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. **Tecnologias na Educação: dos caminhos trilhados aos atuais desafios**. Bolema, Rio Claro, ano 21, n. 29, p. 99-129, 2008.

ARAÚJO, Regina M. B. Tornarem-se professores/as: narrativas e saberes dos/as graduandos/as do curso de Pedagogia. In: NUNES, Célia M. F. E ARAÚJO, Regina M. B. (Orgs.). **Narrativas de professores em formação: o significado de ser Pedagogo**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

BENJAMIN, Walter. “O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: BENJAMIN,

Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** 7ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Porto Editora, p. 134-301, 1994.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

JOSSO, Marie-Christine. “Caminhar com”: interrogações e desafios postos pela procura de uma arte de convivência em Histórias de Vida. In: JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** Lisboa: Educa, 2002.

LARROSA, Jorge. **Experiência e alteridade em educação.** Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.19, n. 2, p. 4-27, jul./dez. 2011.

MENGA, Lüdke; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, v. 986, p. 99, 1986.

MUYLAERT, C. J. et all. **Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa.** Rev. Esc. Enferm. USP, n.48 (Esp2), p. 193-199, 2014.

NÓVOA, A. Professores: O futuro ainda demora muito tempo? In: _____. **Professores: Imagens do futuro presente.** Lisboa: Educa, 2009.

TAYLOR, S.; BOGDAN, R. **Introducción a los métodos cualitativos de investigación.** Buenos Aires: Paidós, 1986.

TEIXEIRA, Inês A. Castro; PÁDUA, Karla Cunha. Virtualidades e alcances da entrevista narrativa. In: **Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto) Biográfica (II CIPA).** Salvador: [s.n.], 2006.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes. 2008.